

março
abril

72



O MINISTÉRIO adventista

As Instrutoras Bíblicas

ONTEM fizemos uma chamada telefônica para tratar de localizar uma senhorita por um assunto urgente. Sua mãe atendeu o telefonema e nos falou de quão difícil é encontrá-la, pois sai cedo pela manhã e regressa à noite. Aquela senhorita é uma instrutora bíblica. O lugar onde estava trabalhando era muito afastado, é uma zona difícil... e o frio é intenso nesta época do ano.

As instrutoras bíblicas! Um pequeno exército de somente 23 mulheres através de oito países da América do Sul. E entretanto, quanto significam estas 23 valentes para outros tantos pastores e para a igreja em geral! São a mão direita nas igrejas. E às vezes são muito mais que isto.

Temos lido ultimamente o que a irmã White diz acerca da importância da obra pessoal, em comparação com a pregação do púlpito. Define ela a obra pessoal como "de origem celeste" — Evangelismo, pág. 456, e assevera que é tarefa formadora de "obreiros que se tornem poderosos homens de Deus" (Idem.), razão pela qual milhares "de todas as nações e línguas" chegaram a conhecer a verdade.

E fala também em forma clara da tarefa que cabe às mulheres consagradas na obra pessoal. "O Salvador fará refletir a luz de Seu rosto sobre essas abnegadas mulheres, e dar-lhes-á poder que ultrapassa ao dos homens. Elas podem fazer nas famílias uma obra que os homens não podem fazer, obra que alcança a vida íntima. Podem chegar bem perto do coração daqueles que estão além do alcance dos homens." E conclui dizendo: "Seu trabalho é necessário" — Evangelismo, págs. 464 e 465.

O trabalho da instrutora bíblica não é fácil. É certo que proporciona satisfações como nenhum outro, mas se necessita para ele "mulheres de princípios firmes e caráter decidido" — Evangelismo, pág. 477, com "muita graça, muita paciência, e crescente provisão de sabedoria" — Carta 88 de 1885, Evangelismo, pág. 471.

Talvez esta seja a razão pela qual em um exército de 4.298 obreiros que a Divisão Sul-Americana tinha em 1969, somente 23 eram instrutoras bíblicas, ou que tenha havido na

mesma data somente 16 em um grupo de 3.620 obreiros na Divisão Interamericana.

Talvez isso explica a razão porque na Divisão Norte-Americana enquanto o número de obreiros subiu de 18.911 a 28.287, entre 1961 e 1969, o número de instrutoras bíblicas tenha baixado de 108 a 99... No mesmo período 8 passaram a desfrutar da aposentadoria, mas pelo que parece não foram substituídas.

Pela qualidade do trabalho que fazem, o número de instrutoras bíblicas deveria aumentar ano após ano. São de valor incalculável, especialmente nas cidades. A irmã White diz que: "Se houvesse vinte mulheres onde há agora uma, as quais fizessem dessa santa missão seu trabalho apreciado, veríamos muitos mais conversos à verdade" — Review and Herald, 2 de janeiro de 1879. Evangelismo, págs. 271 e 272.

Faz alguns meses fizemos um pedido às instrutoras bíblicas da Divisão Sul-Americana. Escrevemo-lhes solicitando nos indicassem o que espera uma instrutora de um pastor. Recebemos muitas respostas, as quais estudamos a fundo para tirar conclusões. O resultado desse estudo está em outras páginas desta revista, e é um material que todo pastor deveria ler com cuidado e oração.

O que podemos fazer para que a carreira de instruir homens e mulheres no caminho da verdade possa ser mais atrativa e que vejamos mais e mais irmãs dedicadas a realizá-la?

Em primeiro lugar, deveríamos conservar as que temos, a maioria das quais tem uma ampla e profunda experiência na obra pessoal. Faremos isto reconhecendo os bons serviços prestados por elas. "Uma palavra de reconhecimento faz mais bem do que mil de repreensão" disse alguém por aí. Talvez seja certo. Algumas instrutoras manifestaram que sentem um vazio neste campo. Uma respondia à entrevista dizendo que seu chefe parecia considerá-la apenas como uma "fabricante de batismos." Outra falava de que "somos humanos e que quando fazemos o melhor dentro de nossa capacidade, gostamos de ser alentados pessoalmente ou por escrito... Isso dá coragem para a luta."

A última frase é especialmente significativa. Na obra pessoal há satisfações enormes, há momentos de verdadeira euforia. Mas há momentos de tristeza e pesar. Um instrutor bíblico que conhecemos era o símbolo do otimismo. Estava sempre animado acontecesse o que acontecesse e contagiava a outros com seu entusiasmo. Mas um dia o vimos chegar abatido e decaído. . . . — O que aconteceu? — lhe perguntamos. — Lembra-se daquelas três jovens que assistiam a todas as conferências e que se sentavam na primeira fila? Hoje me devolveram as Bíblias dizendo que não assistiriam mais nem continuariam os estudos. — Qual é a causa? — perguntamos. — Visitaram o sacerdote e este as proibiu continuar assistindo. — Mas — acrescentamos, — não estavam tão animadas? “Sim, elas me disseram que jamais haviam aprendido tanto de religião como nestes últimos dias, que estavam encantadas, mas que não queriam contrariar o sacerdote. . . .” E aquele instrutor, que tinha suportado todos os temporais, agora se sentia abatido.

Este não é o único caso. As instrutoras enfrentam-no amiúde. Quantas vezes elas vêem que as “aves” arrebatam a semente, ou que os “espinhos” afogam a plantinha já viçosa, ou que “o sol” a queima. E nesses casos, necessita-se coragem mais que humana. Por isso a serva do Senhor aconselhava a um pastor, sob cuja direção trabalhava uma instrutora: “Irmão, espero que sejas bastante cuidadoso com a saúde da irmã Não lhe permitais trabalhar excessivamente numa fatigante tensão nervosa. Entendereis o que quero dizer. . . .” — Evangelismo, pág. 494.

Uma carta recebida faz algumas semanas revelava essa necessidade: “Senti-me feliz ao notar o interesse em ajudar as obreiras bíblicas. Confesso que faz muito tempo vinha acariciando no fundo do coração o anelo de encontrar alguém a quem pudesse exteriorizar algo da vida ministerial, não tanto para obter uma palavra de alento mas para ajudar os colegas que lutam na espinhosa e sublime senda da vida missionária. Mas necessita encontrar um coração compreensivo, cheio de simpatia e de amor cristão. Dou graças a Deus pela oportunidade que o irmão me concede.”

Estimadas irmãs instrutoras, este número da revista dos pastores adventistas latino-americanos lhes está dedicado. É uma simples homenagem que rendemos em vossa honra e como reconhecimento do que as irmãs significam para a terminação da obra. Somos conscientes das alegrias que experimentais quando as portas de um batistério se abrem para que um grupo de pessoas que haveis guiado passo a passo pela senda cristã, sele seu pacto de fé e de dedicação ao Senhor. Sabemos dos abraços emocionados

(Continua na pág. 8)



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Rubén Pereyra
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e Enoque de Oliveira

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50

Ano 38	Março-Abril	N.º 2
--------	-------------	-------

NESTE NÚMERO

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO	
As Instrutoras Bíblicas	2
O DIRETOR FAZ 10 PERGUNTAS A UMA INSTRUTORA BÍBLICA	
	4
O TRATO COM CÉTICOS	
Kathleen Brownell	7
A MULHER NA HISTÓRIA SAGRADA	
A MULHER QUE NÃO QUIS TORNAR SE AMARGURADA	
	9
ORIENTAÇÃO PARA A PRINCÍPIANTE	
	10
COMO TRATAR COM AS PESSOAS	
R. R. Bietz	12
ALMAS NA BALANÇA	
	15
OS FRUTOS!	
Rosa Pizzolanti	17
PERGUNTAS SOBRE DOUTRINA	
VÁRIOS CONCEITOS SOBRE O MILENIO	
	18

O Diretor Faz 10 Perguntas a uma Instrutora Bíblica

(Resumo de cartas recebidas)

SOMOS conscientes da importância que o pequeno grupo de instrutoras bíblicas tem na obra da evangelização. Apreciamos altamente o labor desenvolvido por vocês, e de coração desejamos que haja mais mulheres consagradas inteiramente a esta tarefa. Gostaríamos que nos ajudassem a ver este anelo cumprido. As impressões e inquietudes em relação à obra que realiza serão de muita ajuda ao corpo de obreiros que lê estas páginas.

P. Por que V. escolheu este trabalho?

R. Porque considero que é o trabalho de vanguarda na causa. Talvez não seja o mais fácil, mas sem lugar a dúvidas é um dos que mais satisfações duradouras produz.

P. Quais são essas satisfações?

R. Tenho lido muitas vezes aquela declaração inspirada que diz que Cristo teria vindo ao mundo por uma alma. Não creio que aquilo seja exagerado. Em meu trabalho tenho visto muitas vidas e lares refeitos como fruto da aceitação da verdade. Ao pensar na felicidade que significa ter sido o instrumento usado para que esse milagre se realize, sabendo que os frutos do trabalho efetuado se estende por anos e anos na vida de crianças que chegam a ser homens e mulheres com outra visão na vida, além das conseqüências eternas que aquela decisão implica, faz-me também pensar que, embora somente um desses milagres se realize em meus anos de trabalho, os sacrifícios e desvelos que isso pudesse significar estão mais que recompensados.

P. Qual tem sido sua experiência ao trabalhar sob a direção de vários pastores através dos anos? Recordá especialmente alguns deles que se destaquem por suas virtudes ou pela forma como encaravam seu trabalho?

R. Sim. Especialmente o primeiro com quem trabalhei. Que inspiração foi para mim no início de meu labor verificar que os interessados se sentiam cativados pela consagração genuína do pastor! Um deles disse: "Este homem não poderia se ocupar de outra coisa. Nasceu para ser pastor."

Trabalhei com outros pastores que pareciam verdadeiros pais preocupando-se se o trabalho estava bem, ajudando-me a visitar as pessoas, preocupando-se por minha saúde, por minha situação financeira; enfim, por todas as minhas necessidades. Souberam valorizar meu trabalho, coisa que me proporcionou alento e ânimo para a luta.

Em forma especial lembro-me de um pastor, a quem muito aprecio por sua dedicação à obra do Senhor, que reuniu os instrumentos em um dia muito frio de inverno, quando andar na rua se tornava quase insuportável, e nos disse: "Meus amigos, os dias são muito frios, compreendo tudo, mas nos encomendaram o maior trabalho dado aos seres humanos, resgatar as almas do Senhor e devemos fazê-lo com amor, lealdade e sacrifício, mas com prazer embora faça frio. Se alguém não tem agasalho suficiente eu o ajudarei a adquiri-lo e vocês o devolverão quando possam. Vendi algumas coisas que não necessitava e posso ajudá-los." Isso é inesquecível, revela o carinho e o amor de um verdadeiro pastor.

P. Quais são as qualidades positivas que V. espera de um pastor, no que se refere à sua vida espiritual, sua consagração?

R. Nunca podemos aspirar o ideal, mas as virtudes que mais aprecio são: integridade, quer dizer, que viva o que prega e seja uma fonte de inspiração para a instrutora; pureza em seus pensamentos e atos; vocação para a obra que realiza; que ame a obra e que a coloque em primeiro lugar em sua vida; que ame as almas; que seja amplo, não legalista, mas fiel aos princípios e normas; passivo, que não se ire e que saiba ser prudente nos momentos difíceis, tanto em sua relação com a instrutora como na igreja; que considere que sua instrutora é uma alma pela qual tem a obrigação de velar na mesma medida em que o faz com qualquer outro membro da igreja.

P. Há princípios de ética cujo respeito ajuda a manter as boas relações. São eles muito importantes no ministério? Que virtude V. aprecia em um pastor neste aspecto?

R. É muito vasto o campo da ética. Teria que me referir à ética em seu trato com a igreja, em sua direção da comissão, além de sua relação com a instrutora.

Quanto aos membros, esperaria que seja imparcial, quer dizer, que trate a todos com a mesma amabilidade e não somente a um grupo de "escolhidos." De forma especial isto é certo na aplicação da disciplina eclesiástica. O pastor deve ser reto e aplicá-la a quem quer que seja e não somente aos irmãos humildes. Ademais, que não se comprometa a tantas coisas que não possa cumprir, pois uma atitude tal pode granjear-lhe a fama de mentiroso; que respeite as opiniões alheias e permita e impulsione as boas idéias, sem se importar de onde vieram.

No trato com seus colaboradores, desejaria que fôsse leal, franco, comunicativo e equilibrado. Que tenha confiança nos mesmos e que lhes diga quando algo não está bem e em que aspectos deve melhorar, mas que não o diga a quem não corresponda; que por seu aprêço a nosso trabalho nos estimule à ação, ao progresso, à superação, e que sua cortesia e seu cavalheirismo não sejam de tipo "profissional," quer dizer, reservada somente ao púlpito, mas que as demonstre também no trabalho.

P. Há casos em que uma instrutora e um aspirante trabalham em uma mesma igreja como colaboradores do pastor. Que recomendações

faria V. ao pastor para evitar possíveis desentendimentos ou mesmo rivalidades entre ambos?

R. A instrutora espera que o pastor não permita que se diga em público que o aspirante é sua mão direita, sem incluir também o trabalho dela. Às vezes a gente pensa que o aspirante trabalha e que a instrutora não, já que aquele é mais visível em público na direção das reuniões. Se alguém comete a imprudência de dizê-lo, o pastor deveria dizer: "são minha mão direita," incluindo a ambos. Desta forma ajuda aos dois.

A instrutora, creio eu, deveria ser membro da comissão da igreja pois poderia ser de grande ajuda ali, já que conhece muitíssimos membros dela. Trabalhei uma vez com um pastor que, quando apresentava novos irmãos à comissão, me convidava para assistir à reunião. Ao iniciá-la se desculpava por ter me convidado dizendo: "Convido-a porque ela é quem conhece os candidatos." Não lhe parece que isso é injusto?

P. Que poderia dizer quanto à organização do trabalho na igreja ou em uma campanha e da ajuda que a instrutora espera do pastor?

R. Poucas coisas desanimam mais a uma instrutora bíblica do que ter que trabalhar sob as ordens de um pastor que não seja trabalhador. O entusiasmo é contagioso e nós ainda não somos anjos, de maneira que as atitudes do pastor nos contagiam. Na prática, é isto o que espero: que seja organizado, que tenha um plano e que o partilhe conosco. Que comparta o trabalho, mas de forma justa. Que não fique com o mais promissor e nos deixe o difícil. Nisto pensamos que os "culpáveis" são os administradores que nos fazem relatar por separado o número de pessoas preparadas para o batismo. É lógico, eles têm que preparar sermões, fazer visitas pastorais e outras, e se aliviam "às nossas custas." Opinamos que seria melhor, em favor do companheirismo que deve nos unir e para solucionar o problema antes enunciado, que todos os batismos sejam relatados através do pastor.

Perguntamos, o pastor deve nos prover de trabalho ou nós temos que buscá-lo como podemos? Sabemos que é nosso dever aproveitar todas as oportunidades que nos sejam apresentadas, mas às vezes temos nos encontrado em situações quase angustiosas por não ter interessados e tampouco notar preocupação do pastor em conseguir-nos. Para uma instrutora bíblica é angustioso ter pouco trabalho, sabemos demaisia-

do bem que a menos que tenhamos nossas mãos bem cheias será impossível produzir o que se espera de nós. O pastor tem outras áreas de ocupação mas nós se andamos mal é a única que temos, não fica nada com que nos consolar-mos.

Acredito que é importantíssimo atender os chamados que os interessados lhe fazem quando necessitam ajuda espiritual. É muito agradável ver um pastor que não olha o relógio, nem o calendário quando se trata de ir em auxílio de uma alma. E isso causa um impacto sobre os que dependem espiritualmente d'ele. Por certo é importantíssima a ajuda que o pastor pode dar às visitas e aos interessados com a instrutora. O trabalho da obreira bíblica é pessoal, mas há casos em que se torna necessário a visita do pastor e ao não atender um caso destes ou quando é feito depois de passado o tempo oportuno, pode levar a perder o trabalho da instrutora, e o que é pior, essas pessoas podem tomar caminhos que dificilmente os abandonariam.

Agrada-me trabalhar com um pastor que está a tempo nas reuniões e nos demais compromissos. Isso fala muito bem d'ele.

P. Sabe-se que há momentos difíceis na experiência de toda instrutora bíblica. Acredita V. que o pastor pode fazer algo para ajudá-la nessas crises?

R. No trabalho da instrutora há muitas satisfações e alegrias ao resgatar almas para o Senhor; mas, por que não dizer que também há momentos sombrios e tristes quando não se pode alcançar o fruto do trabalho feito? Eis aí quando a instrutora necessita o apoio e compreensão dos superiores.

É certo que trabalhamos para Deus, mas não devemos esquecer que somos humanos e que quando se faz o melhor dentro de nossas capacidades gostamos que nos animem manifestando-o pessoalmente ou por escrito. A instrutora portanto espera que o pastor compreenda que uma mulher que trabalha todo o dia na rua não é um homem. Espera encontrar compreensão e consideração. Nada há que nos anime tanto como uma palavra de apreço. Ao mesmo tempo isto leva a igreja e os interessados a confiar em seu trabalho. Há momentos quando verdadeiramente sentimos a necessidade de ouvir que alguém fale positivamente sobre nosso trabalho. Creio que não existe ser humano que só tenha virtudes ou defeitos. Sabemos que cometemos erros. Queremos pensar que temos um pouco do outro também. Talvez os pastores poderiam aumentar nossa produção se fôssem menos remissos em agradecer o que exista de positivo em nossa tarefa. Custa pouco e vale muito.

Devo acrescentar finalmente que uma instrutora espera companheirismo. Os administradores trabalham em um ambiente lindo de outros pastores. Nossos chefes, embora em menor grau, respiram também um pouco desse ambiente. A administração da igreja e as visitas pastorais os ajudam. Nós, em troca, estamos o dia inteiro respirando incredulidade, dúvida, problemas etc. Quanto necessitamos sentir que nosso pastor é nosso companheiro, que se interessa por nosso trabalho e que nos ajuda a fazer alguma visita de vez em quando, que quando há triunfos são de ambos e que os fracassos também devem ser repartidos. (As vezes só são companheiros para saber quantos candidatos temos para o batismo...)

P. Crê V. que podemos fazer algo para aumentar o número de instrutoras bíblicas?

R. Acho que existem duas razões pelas quais não temos mais senhoras nesta tarefa: a primeira é que há poucas interessadas em realizá-la pois as alunas de nossos colégios são atraídas por outros ramos da obra talvez mais fáceis ou aos que se dá mais valor tais como o magistério, secretariado, enfermaria etc. A segunda é que não há muita demanda de instrutoras e algumas ao terminar o colégio têm sido empregadas como professoras primárias, o que, em alguns casos, é um drama pois não receberam preparação especializada ou talvez não tenham vocação para esse trabalho.

A solução, a meu ver, é que se inspire a senhoritas de talento e vocação a entrar no ministério bíblico realçando a tarefa ante a congregação através de uma boa campanha. Junto com isso que se tomem medidas para empregar mais instrutoras já que, do ponto de vista econômico, somos baratas, e do ponto de vista de rendimento somos efetivas já que podemos levar muitíssimas pessoas à decisão. A irmã White declara que deveria haver 20 onde agora há somente uma.

Fica o desafio no coração dos leitores. Aos pastores que têm a sorte de ter em sua igreja uma instrutora bíblica, lhes recomendamos alentá-la para que cumpra sua missão com maior alegria. Os que descubram elementos que poderiam ser úteis à causa, instá-las a receber um preparo cabal no colégio e dedicar-se à conquista de almas. Aos administradores a fazer um lugar no orçamento para que haja mais mulheres consagradas realizando este santo labor. E a todos a orar por elas, pedindo ao Céu que as fortaleça e proteja para que sua missão seja cumprida com a unção celestial.

O Trato com Céticos

KATHLEEN BROWNELL

EXISTEM duas classes distintas de céticos.

Primeiro, há os que não têm desejo de tomar em consideração as provas em favor da Bíblia, e só querem lançar desprezo sobre ela, arguindo e sofismando a seu respeito. Esta classe raramente pode ser ajudada em sentido apreciável, porque não desejam ser ajudados. Com eles se deve tratar bondosa mas firmemente. Não se lhes deve dar muito tempo da hora do estudo bíblico para apresentar suas dúvidas e ridicularizar a Bíblia. Um método que tenho achado bastante eficaz é perguntar calmamente se já leram a Bíblia toda. Em geral respondem pela negativa. Pergunto então se consideram justo e razoável criticar um livro que não leram. Via de regra compreendem o ponto.

A outra classe de céticos é a dos que, embora sinceros em seu ceticismo, estão dispostos a ter em justa consideração as provas em favor da Bíblia. No trato com esta classe temos de procurar compreender as causas subjacentes de seu ceticismo. Será tempo bem despendido dedicar alguns momentos a procurar conhecê-los, a fim de descobrir algo de sua estrutura pessoal. Alguns dos fatores de seu ceticismo são os seguintes:

1. Terem sido criados em lar descrente, ou mesmo ímpio. Este fato, só por si, deve granjear nossa simpatia em seu favor, pois bem podemos reconhecer quão poderosa foi a influência do ambiente doméstico para os afastar de Deus.

2. Os ensinamentos da chamada "educação avançada." A evolução e as apregoadas "provas" contra a Bíblia.

3. A confusão quanto aos ensinamentos das igrejas populares.

4. As incoerências da vida de cristãos professos.

Uma vez compreendendo todas essas causas contribuintes à atitude dos céticos, teremos piedade deles e reconheceremos sua grande necessidade de auxílio. Isto nos levará a mostrar grande bondade e paciência ao tratar com eles. Em geral constataremos que o ceticismo se aplica a certos pontos fundamentais bastante definidos, como por exemplo: dúvidas acerca da autenticidade dos manuscritos e traduções da Bíblia; dúvida acerca da inspiração dos autores da Bíblia; crença na existência de contradições na Bíblia; e má vontade para aceitar o que a Bíblia requer.

Para responder a essas objeções temos de arregimentar todas as provas que possamos dar, a fim de vencer suas dúvidas. Temos, por exemplo, de dar esclarecimento sobre os manuscritos e traduções, apresentando dados, fatos etc., que muitas vezes mostram que o cético foi mal informado acerca desse aspecto importante. O esclarecimento quanto a esse mal-entendido irá longe no sentido de firmar a fé na genuinidade da Bíblia.

Para combater as dúvidas acerca da inspiração dos autores da Bíblia, tenho achado que as profecias são uma das mais fortes provas dessa inspiração. Isso abrangeria muitas das profecias referentes a nações, e seu cumprimento; profecias acerca de Cristo e Sua obra, e seu cumprimento; e, naturalmente, as importantes profecias simbólicas. A par com as profecias, muitas vezes será necessário apresentar fatos históricos e provas da arqueologia, e teremos que citar bastantes dessas fontes para mostrar que as profecias bíblicas são corretas, bem como o restante da Bíblia. Talvez tenhamos mesmo que apresentar algo acerca da astronomia, para estabelecer a cronologia da Bíblia. É especialmente necessário estabelecer a data em que foi dada

determinada profecia, para provar que a dita profecia foi dada muitos anos antes de seu cumprimento, e mostrar assim a inspiração da Bíblia.

É conveniente explicar completamente o plano fundamental do estudo da Bíblia, por nós seguido. Deixar que um texto explique outro, e dar esclarecimento completo sobre determinado assunto, mediante a reunião de textos bíblicos, é plano muito familiar nosso, mas geralmente de compreensão difícil para o cético. Mas se ele puder ser levado a aceitar este plano de estudo da Bíblia, teremos meio caminho andado no sentido de ajudá-lo a compreender a verdade. Isto nos habilitará a mostrar-lhe a maravilhosa harmonia dos ensinamentos da Bíblia através do Livro todo, bem como de qualquer assunto. Habilitar-nos-á também a ensinar segundo o lado positivo da questão, e não o lado negativo. (Isto é muito importante, pois a maior parte dos conhecimentos do cético é do tipo negativo.)

Organizar o plano dos estudos bíblicos dar-nos-á a vantagem de colocar todo o estudo na base do que a Bíblia diz, afastando-o da base da opinião pessoal. Com efeito, todo o alvo de apresentar a evidência toda, deve ser usá-la como autoridade. Esta é, naturalmente, a única base correta, mas o firmar este fato pode levar algum tempo, no caso de tratar-se de um cético. Portanto, não desanime a obreira se a tarefa parece morosa, e não espere realizar demasiado de uma vez. Talvez tudo que se possa fazer é dar início a uma série de pensamentos no rumo certo, na mente do cético, no primeiro estudo, ou nos primeiros dois. Aceite de bom grado essa alternativa, e continue trabalhando. Pode exigir tempo e trabalho o colocar o alicerce sobre o qual possamos construir mais tarde, mas bem valerá o esforço, se resultar na salvação de uma alma que seja.

É importante adotar atitude calma, cortês e prestimosa, mantendo-a perseverantemente. Se tão-somente pudermos convencer o cético de que somos amigos seus, e que somos sinceros em nosso desejo de ser-lhe úteis, teremos colocado outro firme alicerce em nossa obra de levá-lo à verdade. Se, mais tarde, pudermos levá-lo a ler ele mesmo certos textos escolhidos da Bíblia, e, sobretudo, se o pudermos levar ao Senhor Jesus Cristo, e mostrar-lhe algo do amor de Deus por ele, teremos alcançado o cumprimento de um programa de conquista de mais uma alma, cuidadosa e devotamente planejado, e essa alma, parece-me a mim, será uma dessas que causarão aos anjos do Céu um júbilo todo especial.

As Instrutoras Bíblicas

(Continuação da pág. 3)

e às vezes umedecidos pelas lágrimas de alegria, que recebeis ao final do batismo, por parte de almas agradecidas. Sabemos também da ansia com que muitos vos esperam com suas Bíblias abertas, para que lhes deis o alimento que anelam e necessitam. "Quando ela se vai, é como que se um anjo se houvera ido," dizia uma senhora agradecida. Somos conscientes disso. Mas também sabemos de vossas lutas, das caminhadas em noites escuras e de frio, à procura de interessados na verdade. Sabemos que às vezes vos sentis sozinhas e relegadas. Que não vos alenta, acreditando talvez que porque estais em contato permanente com a Palavra não necessitais do apoio ou reconhecimento humano. Sabemos dos pensamentos que às vezes embargam vossa alma, quando em um dia de festa, enquanto os escritórios e as casas comerciais estão fechados, e todos passeiam livre e despreocupadamente pelas ruas, continuais trabalhando e que às vezes um pensamento de desânimo vos embarga.

Mas "a voz de Deus fala claramente: 'Avante!'" (Patriarcas e Profetas, pág. 294). Ainda existem almas a serem alcançadas, há milhões que ainda não sabem que a cruz se levantou para eles e que há um mediador entre Deus e os homens que não cobra nada por seus serviços. Vós também sois "Ministros da Reconciliação" e o Príncipe dos pastores é também vosso Príncipe.

Se alguma vez um pensamento de frustração ou de desânimo vos embarga, que a grandeza da obra a vós encomendada vos ponha de novo um fogo no coração e faça fugir os maus pensamentos, pensai que estais edificando para a eternidade e que quando os milhões de cartas escritas pelas secretárias tenham sido consumidas pelo fogo, e os edifícios, automóveis e tudo quanto existe tenha passado como estopa, os frutos de vossos labores ficarão em pé e desfrutareis durante toda a eternidade do reconhecimento e da gratidão dos que puderam fugir da destruição porque vós os levastes aos pés da cruz. Não há no mundo tarefa mais elevada e digna que a de ser um Ministro de Cristo. Vós o sois. "Porque este é para Mim um instrumento escolhido para levar o Meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel." Esta é vossa obra. "Pois Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo Meu nome." Esta é às vezes a taça que deveis beber. Mas aqui está a ordem e a gloriosa promessa: "Não to mandei Eu? Sé forte e corajoso." "Eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos."

— Rubén Pereyra.

A MULHER NA HISTÓRIA SAGRADA

A Mulher Que Não Quis Tornar-se Amargurada

HAVIA uma profetisa, chamada Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, avançada em dias, que vivera com seu marido sete anos desde que se casara, e que era viúva de oitenta e quatro anos. Esta não deixava o templo, mas adorava noite e dia em jejuns e orações." S. Luc. 2:36-38.

Destas palavras inspiradas aprendemos várias coisas acêrca de Ana. Era filha de Fanuel. Era profetisa. Por ocasião da dedicação de Jesus tinha provávelmente cem anos de idade. Fazia oitenta e quatro anos que era viúva.

Cedo em sua vida de casada, a morte insinuou-se em seu lar feliz. Foi-lhe arrebatado o jovem espôso, ficando viúva — e a viúva, em muitas partes do Oriente, é de fato uma criatura desolada. Eis uma mulher jovem, falecido o espôso. Trevoso era o futuro que se lhe antolhava.

Alguns lares, quando atingidos pela desgraça, revoltam-se em amargura. "Por quê, oh! por quê, se existe Deus, um Deus de amor, permite Êle que eu sofra assim?" é o lamento de alguns. Para alguns, semelhante infelicidade significa o fim da fé e o nascimento da amargura — vida frustrada. Não, porém, para Ana.

A dor e tristeza levaram Ana a volver-se ao Senhor, mais do que nunca dantes. "Não deixava o templo" — para lamentar sua sorte infeliz? Não, absolutamente! Louvava a Deus e falava acêrca de Jesus a grandes auditórios em Jerusalém. Oitenta longos anos sua vida fora um tributo de louvor e dedicado serviço! Ana recusou-se a se amargarar.

Pesares, infortúnios, desânimos sobrevêm a todos nós. Podem tornar-nos duros e amargurados. Podem também fazer-nos volver ao Senhor mais plenamente do que nunca. O exemplo de Ana, de animosa coragem, brilha radiante, para ser seguido por todo filho de Deus. Não haverá amargura em nossa vida, com Cristo em nosso coração!

Orientação Para a Principiante

A OBRA da instrutora bíblica requer habilidade para planejar e executar com bastante independência o programa diário. A não ser que a obreira esteja associada, com uma equipe evangelística que receba constante orientação, pode tornar-se-lhe necessário aperfeiçoar-se em seu trabalho sem grande soma de conselho. É esta sempre uma experiência difícil para a obreira jovem. Pode ela iniciar o trabalho vários meses antes de estarem programadas as reuniões públicas do evangelista. Talvez ela more muito distante do escritório da associação, do qual poderia buscar conselho, se a proximidade lhe facultasse uma entrevista com o presidente do campo. Quando solicitada a trabalhar sob condições assim de isolamento, ela ficará aguardando as reuniões dos obreiros da associação, onde poderá receber auxílio de outras instrutoras bíblicas.

Nem todas as principiantes, porém, começam o trabalho bíblico sob condições semelhantes. Algumas são solitamente dirigidas e protegidas por seus líderes; outras têm de aprender muitas lições na escola da dura experiência. O primeiro caso é o preferível, mas não é o mais comum. Por esta razão, a principiante apreciará receber algumas sugestões valiosas de alguém que esteja cômico de alguns problemas específicos nesse estágio do trabalho. Uma jovem instrutora bíblica de êxito, Marzela Sell Miller, provê a êsse respeito algumas sugestões proveitosas.

“Quando inicia o trabalho bíblico, a obreira jovem se apercebe de que o trabalho de classe e o preparo para os estudos bíblicos proveram apenas uma pequena base à nova atividade de se dirigir a pessoas e apresentar-lhes doutrinas bíblicas.

“Muitas vezes a tarefa de reunir-se com pessoas e responder-lhes às perguntas quase que desorienta a obreira. Descobri que iniciar as atividades numa série de reuniões evangelísticas é ideal, pois quando a obra se acha toda organizada e se delineiam planos para todo um grupo de trabalho, a instrutora bíblica sente-se mais preparada e sabe o que dela se espera. Um bom começo é meio caminho andado, rumo do trabalho bem sucedido.

“Há algumas ciladas que as instrutoras bíblicas devem evitar, logo ao iniciarem seu trabalho. Uma delas é a seguinte: Depois de haver apresentado várias vezes as pessoas com material impresso e granjeado sua amizade, nossas visitas podem tornar-se simples contatos sociais. Nosso propósito é abrir a Bíblia e apresentar pelo menos um pensamento ou um texto e a seguir fazer oração. E as pessoas esperam justamente isso, se é que começamos da maneira devida. Mas se a obreira não procede assim, logo que é convidada para visitar um lar, ela às vezes se sente sem jeito para começar mais tarde.

“A iniciante tem de cultivar a habilidade de dirigir a conversa para rumos espirituais. Em geral a mínima referência às condições do mundo pode levar ao assunto da segunda vinda de Cristo, e muitos outros assuntos que venham à baila podem também ser usados de modo a deles se tirem lições espirituais.

“É preciso aprender a criar interesse, de maneira a poderem ser combinados estudos futuros. É freqüente a instrutora bíblica encontrar pessoas cheias de perguntas, que ela tenta responder todas de uma assentada. Se ela consegue fazer ver a pessoa que o assunto em que se interessa levaria meia hora para ser explicado; e que no momento lhe falta tempo, mas sugere algum outro dia, cu a próxima semana, muitas vezes poderá então começar uma série de lições, que não teriam sido dadas se ela tivesse respondido de início a todas as perguntas de modo a satisfazer a curiosidade da pessoa. Estas são algumas das lições que tive que aprender, e estou ainda aprendendo, e que podem ser de auxílio a outras obreiras jovens.

“A associação com um obreiro de experiência é real vantagem a todo e qualquer que ingresse neste campo de serviço. Quando comecei, passava todas as semanas um dia com uma obreira experiente, simplesmente fazendo contatos e

visitas missionárias. Observando os seus métodos ao estabelecer contato com as pessoas, e suas respostas a diferentes perguntas que surgiam, recebi esclarecimentos valiosos. Posteriormente, na campanha, passamos um dia visitando várias pessoas de meu território, as quais estavam confundidas quanto a certos pontos, e outras a quem eu achara difícil convencer quanto a vários aspectos da doutrina. Esse auxílio é inestimável a uma iniciante.

“Tenho achado ser um maravilhoso auxílio assistir a uma série completa de estudos de outra instrutora bíblica, e tomar apontamentos por memorizados. É de surpreender quantos pontos diferentes ela acentua, e que podem ser encaixados em nossa própria série de estudos. Novos pensamentos e explicações sobre determinados textos sempre nos ajudam a obter nova compreensão e proporcionam mais sentido aos assuntos que ela apresenta.

“Creio sinceramente que estudar a Bíblia num lar, com um auditório de uma pessoa ou mais, traz mais satisfação e melhor compreensão do que qualquer outra obra que pudéssemos tentar.

Não podem ser estudados exaustivamente os múltiplos problemas de uma nova instrutora Bíblica, mas relacionamos abaixo algumas sugestões proveitosas às principiantes. Essas observações resumidas tornarão a obreira jovem apercebida de certas necessidades, levando-a a um estudo mais acurado de alguns problemas específicos que provavelmente surgirão.

Proveitosas Sugestões à Principiante

1. Saiba que Deus a está guiando pessoalmente, e que você foi chamada para a obra bíblica.
2. Certifique-se quanto aos planos que a associação tem para você, suas relações com a igreja local e com as outras igrejas do distrito.
3. Faça contatos amistosos com coobreiros e oficiais da igreja local.
4. Localize-se adequadamente. Dê boa organização ao seu pequenino lar.
5. Seja regular quanto ao tempo de levantar. Observe seus períodos devocionais e de estudo.
6. Planeje um programa diário, mesmo que sua tarefa atual não dê idéia de pressa. Esteja sempre em busca de novos interessados. Faça uma lista de todas as pessoas susceptíveis de serem visitadas.
7. Na organização de suas visitas, use um mapa. Tenha em mente seus endereços. Fa-

miliarize-se bem com as facilidades de transporte.

8. Siga um plano definido na visita aos lares de seu território. Esteja alerta a novos indícios, para aumentar sua lista de interessados.

9. Combine estudos bíblicos sistemáticos.

10. Considere seu trabalho uma feliz aventura por Deus. Seja entusiasta.

11. Tenha atitude digna, mas sociável. Dê a impressão de que você sabe aproveitar as horas de cada dia. Que todas as suas visitas tenham propósito.

12. Quando lhe confiam uma parte no programa de algum departamento da igreja, esteja preparada e saiba transmitir sua mensagem.

13. Examine o esforço de cada dia e analise os resultados. Aprenda a fortalecer os pontos fracos de seu trabalho.

14. Seja fértil em recursos e não tema trabalho árduo.

15. Faça, calmamente, o melhor possível e conserve o otimismo. O êxito segue o esforço sincero.

16. Escreva ao presidente de sua associação, mais ou menos uma vez por mês. Conserve-o a par do progresso do seu trabalho e procure também o seu conselho. Ele é homem ocupado, e portanto seja concisa.

17. Seja pontual na remessa do seu relatório de trabalho. Para os problemas especiais busque auxílio, financeiro ou outro.

18. Faça orçamento de suas despesas e fique dentro de seu orçamento. Pratique economia, a fim de dar mais liberalmente à Causa de Deus.

19. Prevaleça-se de todas as oportunidades de assistir a reuniões dos obreiros da associação. Seja pontual. Seja amável com seus coobreiros.

20. Caminhe a segunda milha para ajudar as pessoas. Tenha o gesto certo, na hora certa. A obra bíblica de êxito é mais do que simplesmente estar sempre muito ocupada.

21. A verdade tem os seus oponentes, mas vence sempre. Responda às objeções com muito tato, fazendo amigos para a verdade.

22. Numa crise, permaneça com espírito devoto e esperançoso. Cautela e espírito conservador não fazem mal a ninguém.

23. Cuide de sua aparência. Testifique seu vestuário de sua profissão. Quando em dúvida sobre alguma questão de decôro, seja ultra-conservadora, mas nunca excêntrica.

24. Cultive um passatempo, mas use-o como diversão de seu trabalho e bênção aos outros.

25. Refreie-se de fazer propaganda de suas boas obras. Que estas sejam descobertas pela influência que dão de si.



COMO TRATAR COM AS PESSOAS

I PARTE*

R. R. BIETZ

Vice-Presidente da Associação Geral

QUEM sabe como tratar com as pessoas? Como tratais com um crítico? Com um hipócrita? Com uma pessoa desleal? Com uma alma desencorajada que pensa haver perdido o último amigo que possuía na Terra? Como nos relacionamos com uma pessoa que sente não ser apreciada? Ah, se fôsse uma pessoa querida, já teria sido promovida, diz ela.

Cristo Nosso Exemplo

Onde podemos encontrar ajuda no campo do tratamento com diferentes pessoas? Creio que essa ajuda podemos encontrar se virarmos as páginas da História e estudarmos um pouco a vida e os métodos d'Aquela que, por conhecer profundamente o coração humano, e mais do que qualquer outra pessoa, os Seus métodos são ainda hoje atuais e oportunos para êste século. Quem é Ele? D'Ele foi dito:

Dezenove longos séculos já se passaram e ainda hoje Ele é a peça central da humanidade e o líder da coluna do progresso. Estou bem certo se disser que todos os exércitos que têm marchado, e todos os navios que tem sido construídos, e todos os parlamentos que se têm instalado, e todos os reis que têm reinado, se postos juntos, não afetaram a Terra tão poderosamente como aquela vida solitária. — J. A. Francis.

Por que, depois de todos êsses séculos, Ele ainda é o líder? Por que Ele influenciou a humanidade mais do que qualquer outro? Antes de mais nada reconhecemos que Ele é o único que veio ao mundo para salvar do pecado a humanidade. Pedro disse: "Não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos." Atos 4:12. Isto O coloca numa categoria diferente de qualquer outro líder. Todavia, para salvar o homem Ele precisava relacionar-Se com o homem. Para salvar as pessoas Ele tinha de relacionar-Se com as pessoas. Em todos os Seus contatos Ele foi eficiente e ajudador, muito mais do que qualquer outro na História. Fazemos bem, portanto, em examinar Seu modo de vida e Seus métodos. Muitos de nós desenvolveram a arte de dar sempre um passo errado para a frente, e com isto construímos muros de separação entre nós e outros. Cristo conhecia a arte de descobrir o que havia de melhor em homens e mulheres e expulsar o pior pela implantação do Seu Espírito em seus corações.

Ellen G. White, certamente nenhuma noviça no trato com pessoas, escreveu: "Devemos representar a Cristo em nosso trato com nossos semelhantes. . . . Devemos aprender de Cristo, praticar Seus métodos, revelar Seu espírito." — *Testemunhos para Ministros*, pág. 225. Que melhor exemplo podemos achar do que o exemplo de Cristo? Depois de dezenove séculos haverem passado, quem ainda se pode comparar com Ele?

Confiança É Básica

Que O tornou um Mestre assim no contato com o povo? Antes de mais nada, há um fato

* Por um lapso que muito lamentamos, a segunda parte dêste artigo foi publicada antes da primeira, no *Ministério* de nov.-dezembro de 1970. Publicando a primeira parte, pedimos escusas aos nossos leitores. — C. A. T.

básico que devemos lembrar. Ajudar o povo, relacionar-se com êle, requer confiança de sua parte. A menos que as pessoas acreditem em nós, não poderemos ajudá-las. Podemos dominá-las, podemos convocá-las para que venham ou ordenar-lhe que vão. Dar ordens é uma coisa, tratar eficientemente com pessoas é outra coisa. Cristo disse: "Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens." S. Mat. 4:19. Eles O seguiram. Não foram forçados. Foram convidados e seguiram-nO, porque acreditavam nEle. O Sr. Silvestein, da Rogers Corporation, diz: "Nos dias atuais não se pode fazer ninguém fazer nada. Há menos temor de chefias fortes do que havia quarenta anos atrás. (E menos ainda do que há dez anos). Assim, o presidente de uma companhia deve ser hábil para dirigir homens."

As pessoas seguem quando têm confiança na dignidade e firmeza do líder. Confiança é o fundamento sôbre o qual se constroem preciosas relações entre pessoas. Se se não logra esta confiança, ou se se a perde, o fundamento terá começado frágil. A confiança pode ser perdida. Um jurista inglês de poucos séculos atrás, J. F. Fortescue, disse: "A lealdade não pode ser comprada, mas a confiança pode ser traída e vendida."

Se as pessoas precisam pôr um "grão de sal" naquilo que dizemos, é prova bastante de que o sal em nossas relações perdeu o sabor. Liderança que, como o sal, perde o poder de salgar, só serve para ser lançada fora, segundo as palavras de Cristo (S. Mat. 5:13). Há nisto mais verdade do que poesia.

Confiança é um Nicodemos vindo a Jesus à noite e solicitando ajuda na solução de um problema pessoal.

Confiança é a mulher enfêrma dizendo: "Se tão-somente eu puder tocar nos Seus vestidos, ficarei curada."

Confiança é um paciente no hospital chamando pelo capelão.

Confiança é o trabalhador da cozinha ou lavanderia poder vir pessoalmente ao administrador e pedir conselho.

Confiança é o membro da igreja revelar alguns de seus mais íntimos problemas ao ministro na esperança de encontrar solução.

Confiança é o pastor abrir o coração ao presidente do seu campo com o propósito de obter novos estímulos na vida.

Jesus tinha a confiança dos ricos e dos pobres, dos santos e dos pecadores, das crianças e dos adultos, dos saudáveis e dos enfermos, dos líderes e dos liderados. Era essa confiança que nEle tinha tôda classe de pessoas que tornou tão significativo o Seu relacionamento com êles.

Que fez Cristo para conquistar tal confiança? Como viveu para obtê-la? Que métodos usou?

Por que era tão bem sucedido? Há várias razões. A primeira é mencionada em *Ciência do Bom Viver*, pág. 143: "O mundo necessita hoje o que necessitava a mil e novecentos anos atrás: uma revelação de Cristo. . . . Somente o método de Cristo dará o verdadeiro sucesso em alcançar o povo. O Salvador misturava-Se com os homens como quem desejava o bem deles. Mostrava Sua simpatia por êles, ministrava a suas necessidades, e ganhava sua leal confiança. Então ordenava-lhes: 'Segue-Me.'"

Cristo Se comunicava com todos, não porque desejasse fazê-lo "alguém," mas por que desejava fazer "bem." O ABC na arte de alcançar as pessoas é o desejo de fazer-lhes bem.

Por que, antes de mais nada, nos relacionamos com as pessoas? Porque desejamos ajudá-las a se tornarem melhores em sua vida para o bem delas mesmas, ou por amor de nosso próprio egoísmo? Seria nosso alvo apenas que sua boa vontade nos garantisse nossa posição? Se nossos motivos são tratar com as pessoas para ajudá-las em seu crescimento pessoal, de modo que possam fazer uma contribuição apreciável para a igreja, então nossos propósitos estão enfocados de modo próprio, e certamente serão produtivos.

Algumas pessoas estão mais preocupadas com promoção do que com desenvolvimento. A verdade é que nem todos podem progredir; para alguns, a promoção jamais virá. Isto é normal. Empregados e empregadores precisam compreender que o manejo de um programa de desenvolvimento não é uma escada; é uma oportunidade. A necessidade de pessoas que possam demonstrar o seu potencial é grande. Maior necessidade, entretanto, é de pessoas que façam do seu trabalho um ponto alto, seja qual fôr o setor em que estejam servindo, e que se sintam satisfeitas em continuar a servir sem ambição de galgar a chamada escada do sucesso. O sucesso não é medido pela ascensão nos degraus dessa escada no campo administrativo, mas pelo fiel cumprimento do dever onde quer que sirvamos.

Segunda Razão do Sucesso

O trato de Cristo com o povo foi bem sucedido porque Sua vida era uma vida de integridade. Honestidade é mais do que um procedimento à vista de Cristo; é um princípio. É parte de Sua vida. Ele disse: "Eu sou o Caminho, e a Verdade e a Vida." É-nos dito que "os que escolhem a honestidade como companhia incorporá-la-ão em todos os seus atos. Para uma grande classe tais homens não são apreciados, mas para Deus êles são admiráveis." — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 607.

J. D. Batte, presidente da Batten and Associates, em seu livro *Thought-minded Management*, diz:

O trabalhador médio tem muito melhor compreensão de integridade quando vê que ela é praticada pelo seu chefe e os associados dêste. Integridade não se inclina para o comprometimento. Não tem coloração indefinida. Ou é tôda branca ou é tôda preta. Não deve estar disfarçada mas deve ser um caminho de vida. Integridade é aquela qualidade num homem ou mulher que exige seja o único e real propósito de qualquer pensamento, palavra ou obra, a edificação de pessoas ou coisas com o fim de obter resultados positivos e éticos." — Pág. 176.

Cristo sempre tratou de maneira honrável com pessoas. Não dizia sempre *tôda* a verdade, mas o que Ele dizia era sempre a verdade. Cada obra era um ato de integridade. Ele falava a verdade porque amava a verdade. Sentia que ela não devia ser evitada. Foi Phillips Brooks quem disse: "O cristianismo não conhece verdade que não seja filha do amor e mãe do dever" — *The Encyclopedia of Religious Quotations*, pág. 450.

Talvez demasiadas vezes evitemos falar a verdade porque queremos que as pessoas gostem de nós e pensem bem a nosso respeito. É perfeitamente correto querer que as pessoas se sintam bem, mas isto pode ser feito sem sacrificar nossa integridade. A esposa de um homem de negócios foi consultada sobre a integridade de uma jovem que trabalhara para ela. A esposa disse ao marido: "Se eu disser a verdade, ela ficará sabendo que a moça é preguiçosa, impontual, impertinente. Lembra-se de alguma coisa favorável que eu possa dizer?"

O marido respondeu: "Diga que ela tem bom apetite e dorme bem." Não há dúvida de que era verdade, mas parte da verdade, usada para encobrir a verdade desejada por quem pedia a referência. Isto é feito até mesmo em nossos campos algumas vezes, quando queremos conseguir chamado para um obreiro cujo êxito está abaixo do desejado. Dizemos parte da verdade, e ocultamos a verdade real.

Há líderes que estão interessados apenas em que as pessoas se sintam bem. Errôneamente pensam que deixar de dizer as coisas como realmente são é fazer boas relações, ganhar amigos e influenciar pessoas. Estão enganados. Lemos em Prov. 9:8: "Repreende o sábio, e ele te amará."

Pessoas que deixam de dizer a verdade porque temem não ser apreciados são conhecidos como "lisos." Uma pessoa "lisa" está sempre desejosa que outros se sintam bem, desde que não haja para si mesma nenhum inconveniente. É sempre afável. Não tem estômago para suportar alguma inconveniência emocional. Os "lisos" hesitariam, por exemplo, em sentar-se e conversar com pessoas que estivessem envolvidas em pesados problemas de relações humanas. Isto poderia ser-lhes penoso e embaraçoso. É mais fácil evitar o problema e "queimar" a pessoa, se ela não se enquadra no seu padrão. Mas o homem íntegro enfrentará a situação honestamente, e ambos, o que tem o problema e o que aconselha, se edificam. Lutero é citado como tendo dito: "A paz se possível, mas a verdade a qualquer preço."

Almas na Balança

CONQUISTAR homens e mulheres, do pecado para a justiça, é obra de Deus. É certo que Ele pretende usar o homem, com suas limitações humanas, para ajudar a erguer almas, do reino das trevas para a luz do evangelho, mas nunca devemos perder de vista o fato de que, "ao chegar o Espírito com um mais direto apêlo, a alma entrega-se alegremente a Jesus," e de que ganhar almas é "o resultado de longo processo de conquista efetuado pelo Espírito de Deus — processo paciente e prolongado." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 172.

Levar indivíduos a decidirem-se por Cristo e pela mensagem não é conseguido num momento apenas; tampouco se dá isso em resultado de esforços intermitentes, frouxos. Tem de haver um alicerce para decisão de tão grande monta, e os elementos humanos e divinos têm de combinar-se para isso conseguir.

O obreiro evangélico tem de compreender as forças envolvidas em semelhante decisão. Tem de lembrar-se de que o conflito entre a verdade e o erro, especialmente hoje, é uma acérrima batalha contra a indiferença, o fanatismo, a incredulidade e o temor. O inimigo tornou-se hábil na sutil arte de confundir, e a procrastinação e o desafio à verdade são seus sub-produtos. Tem êle cegado por tal forma o coração dos homens que para êles as trevas se afiguram como luz e a luz como trevas. O inimigo não retém, da alma que está por decidir-se, nenhuma arma perversa, nenhum obstáculo ou suposto benefício.

Em chegando a hora da decisão (e há um momento em que semelhante atitude é não só oportuna, mas mesmo positivamente necessária à salvação), tem de seguir a ação por parte da alma hesitante. O instrumento humano, ao fazer o apêlo, tem de empenhar tôda a força de uma personalidade santificada, para ajudar a

levar à decisão. O apêlo tem de tornar-se como que o próprio chamado de Deus àquela alma em luta. Nessa hora é imperativo que a relação da instrutora bíblica para com Deus seja tal que Ele possa servir-Se de suas palavras como um cativante apêlo para persuadir almas a deixarem o erro pela verdade. Efetua-se, em certo sentido, uma obra de mediação. "Rogamos que vos reconcilieis com Deus" (II Cor. 5:20) é o sentido do chamado à alma hesitante.

A "palavra em vós implantada... é poderosa para salvar as vossas almas." S. Tia. 1:21. O obreiro tem de ter um cabal conhecimento da Bíblia. Esta é a "espada do Espírito," que o soldado de Cristo usa para eficazmente tomar de assalto a cidadela da alma. O obreiro tem de reconhecer claramente o que Deus espera que êle faça nessa hora crítica. Passagens, oportunas e incisivas, têm de ser assestadas à alma por decidir-se, e isso de modo direto, com tino e persuasão. Poderão os homens tentar fugir a todos os apelos humanos, mas não poderão sempre esquivar-se às reivindicações de Deus nem mudar a Sua Palavra. Nenhum argumento é mais importante, e nenhum método melhor se conhece, para promover a decisão certa.

Deve o ganhador de almas ter presente que Deus não fêz os homens todos segundo um só modelo. É necessário um suprimento especial de graça para "discernir os espíritos" dos homens. Jesus dominava magistralmente essa arte. "Êle mesmo sabia o que era a natureza humana." S. João 2:25. Temos de conhecer os *homens* antes de podermos conhecer os métodos para ganhá-los. Um toque de simpatia é de importância vital nesse período do esforço. Oriundas da memória das angústias do Getsêmane de nossa própria alma, provirão as expressões de simpatia que tocarão numa corda sensível da alma em luta. É efetivamente uma "obra delicada," que requer brandura, emoção, paciência e capacidade de persuadir. Ao usar Deus, com

poder, o consagrado ganhador de almas, abrandase o coração empedernido, baqueiam as barreiras do preconceito, e a procrastinação transforma-se em decisão.

Depois de uma série de sucessivas vitórias na tarefa de conseguir decisões em favor de Deus, sempre existe o grave perigo de começar a obreira a julgar que ela domina os únicos métodos e a mais comprovada técnica que possam existir. Mas a confiança profissional pode roubar-lhe o poder e a glória devidos tão-somente a Deus. Na pessoa que tenha essa confiança própria, embotar-se-á a agudez do sentido da conquista de almas. Sua experiência pode ser semelhante à da enfermeira que se torna tão endurecida pelas cenas que testemunha no quarto dos enfermos que, embora possa estar-se aperfeiçoando sua habilidade profissional, o coração se lhe torna calejado em relação às tristezas e angústias do mundo. Isto também se pode tornar verdade no campo da enfermagem espiritual.

Bem me lembro das muitas vezes em que despertava na calada da noite, com a mente conturbada por fortes impressões acerca de alguém por quem eu estava trabalhando. Segui-se uma evidente convicção acerca do próximo passo que devia dar para ajudar aquela alma a alcançar a vitória — as próprias palavras a empregar ao fazer novos apelos enchem o espírito agora acalmado. É desnecessário dizer que, seguidas essas impressões, vinha rápida e fácil a decisão. Lembro-me de que isso se dava especialmente quando tratava com a espécie temperamental de indivíduos. A disposição de espírito afeta consideravelmente as reações, e é muitas vezes desconcertante à obreira bíblica, que tem de estar em constante contato com Deus, a fim de saber como tratar com toda sorte de pessoas.

Persuadir almas a se renderem a Deus não é a experiência do agente comum, que vai de porta em porta vendendo enciclopédias, artigos domésticos e coisas quejandas, embora se empregue alguma técnica semelhante. Não é uma batalha de palavras espirituosas, arte de vender sob alta pressão, ou tanger uma pessoa à decisão. A fervorosa solitação a uma alma, para que se entregue a Deus, é o que mais conta na decisão. A obreira tem de ter a convicção de que é "mestre da parte de Deus." Então na maioria das vezes a tendência de demorar a decisão pela verdade, ou esquivar-se a ela, transforma-se em ação e incondicional entrega.

Os frutos que permanecem firmes através de provas e tempestades espirituais são um milagre do Céu, que não deixa lugar para glorificação humana. É um processo que jamais pode ser analisado completamente em termos humanos ou por comparações comerciais, e o calor dessa experiência espiritual é sempre arrefecida pelo frio profissionalismo que emprega o metro das estatísticas.

Nessa hora crítica da decisão a obreira tem de exibir as qualidades de Elias e João Batista. É ela uma mensageira de Deus, com a solene mensagem: "Se o Senhor é Deus, segui-O," e: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos Céus." A palavra do Senhor é transmitida por meio dela, e tem de ser dada a Seus filhos destemidamente. Não é fácil a tarefa, todavia incumbe-lhe o dever. Mesmo em nossos dias Deus tem havido por bem usar instrumentos humanos a tal ponto que almas que antolhavam decisões de fato viram Cristo no mensageiro, não ousando rejeitar-Lhe a mensagem. Oh, quem nos dera mais desse poder em nosso ministério em favor das almas hesitantes!

Os Frutos!

ROSA PIZZOLANTI

UMA católica sincera, íntegra, muito ativa e vinculada com as atividades católicas da zona, e sobretudo, de muita influência, começou a assistir as conferências. Contava nessa época com uns 45 anos aproximadamente. Era culta, de boa aparência, incansável leitora, pintora, e com uma grande simpatia pessoal. Segundo suas próprias palavras, ela buscava a verdade. Meu colega de tarefas e eu pensávamos que se essa bondosa senhora se convertesse seria de grande ajuda para a igreja que estava nascendo.

Assistia a tôdas as reuniões com sua inseparável amiga, também interessada. Amava entranhavelmente sua igreja, a Virgem Maria sua intercessora, e não suportava o tema da ressurreição dos mortos, simplesmente porque era uma ardente defensora da doutrina da imortalidade da alma. Vez após vez me repetia seu desagrado ao ouvir este tema nas conferências e cultos. Como era possível que esta doutrina tão linda, abraçada pelos grandes poetas e filósofos de todos os tempos não tivesse base bíblica! Era possível que através dos séculos tantos estudiosos e eruditos estivessem equivocados? Dizia isto em reiteradas oportunidades e me citava nomes de filósofos e de escritores e títulos de livros lidos sôbre este tema.

Em sua casa se realizavam semanalmente reuniões, às que assistia um seletto grupo de senhoras, dirigidas por um dos mais destacados sacerdotes do lugar; homem jovem e muito estudioso. Segundo nossa amiga, na apresentação destes temas havia muita beleza, muita forma, mas nada de conteúdo. Contava-me que se sentia vazia depois dessas reuniões. Durante as mesmas, nossa amiga não perdia oportunidade de elogiar o conferencista, as conferências adventistas, e comentava quanto aprendia cada vez. Notava olhares frios quando vertia estes conceitos, mas o jovem sacerdote muito sagaz, lhe dizia que tinha razão, que essas reuniões eram muito boas e que a igreja católica sôzinha

não podia pregar o Evangelho, que também "necessita a colaboração" dos adventistas.

Ela continuava assistindo pontualmente a tôdas as conferências e também às reuniões de adoração aos sábados pela manhã, sempre acompanhada de sua amiga. Mas percebíamos que ainda se sentia muito ligada à sua igreja, e que não seria fácil para ela quebrar essas cadeias.

Um dia senti que deveria falar com ela de forma diferente. Perguntei-lhe o que pensava das doutrinas bíblicas. Finalmente me respondeu que a Bíblia e os adventistas tinham a verdade. Disse-lhe que Deus tinha pôsto a Bíblia em seu caminho porque ela buscava sinceramente a verdade. Que agora teria que ser muito valente para enfrentar seus familiares e amigos, mas que não estava sôzinha, e que Deus lhe daria forças para esta batalha. A igreja adventista é impopular — lhe expliquei — e conta em todo o mundo com apenas 1.500.000 membros, frente a milhões de cristãos de outras denominações. Que éramos poucos, e que por isso tínhamos que nos esforçar para apresentar ao mundo esta verdade tão impopular. Que Deus necessita sua fé sinceridade e talento agora. Ficou me contemplando um pouco em silêncio. Penso que esperava que ia lhe falar das grandes coisas que a igreja adventista está realizando ao redor do mundo.

Poucos dias depois me disse que tinha deixado de assistir os cultos católicos, e que tinha decidido não realizar mais reuniões com o sacerdote em sua casa. Foi visitada pelos pastôres e essas visitas foram motivo de grande inspiração para ela e sua amiga. Um mês e meio depois as duas eram batizadas. Resultou ser o que tínhamos imaginado: um grande valor na igreja.

Hoje se deleitam ensinando a outros a verdade gloriosa que conheceram. Graças pelo poder de Deus!

ESTÁ V. PREPARANDO

**A PRIMEIRA OFENSIVA
DO ANO?**

LEMBRE:

DE 24 A 31 DE MARÇO

SEMANA SANTA

Em 1971 o plano foi um êxito

Em 1972 deve ser ainda maior

DEPENDE DE VOCE

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

VÁRIOS CONCEITOS SÔBRE O MILÊNIO

IX. Desenvolvimento Posterior do Pré-Milenismo

Na última metade do século, o pré-milenismo e o pós milenismo tenderam a seguir nova linha de separação. O pós-milenismo, com seu programa de justificação progressiva, propendeu a aliar-se com os pontos de vista humanístico e evolucionista de progresso humano, e diluir-se no evangelho social e no modernismo. Ao mesmo tempo o pré-milenismo seguiu a tendência de aliar-se ao fundamentalismo. E o pré-milenismo defluiu em duas correntes, surgidos dos dois pontos de vista exemplificados pelos mileritas e os literalistas.

1. *Pontos de Vista Adventistas, Derivados dos Mileritas.* — A seguir a dissolução do movimento milerita veio a formação das denominações adventistas. Destas, os adventistas do sétimo dia tornaram-se o grupo principal, continuando e desenvolvendo o tipo milerita de pré-milenismo, com um milênio não-temporal e não-judaico. (A compreensão adventista do sétimo dia do milênio aparece na resposta à pergunta 39.)

2. *O Literalismo Torna-se Futurista, Dispensacionalista.* — A maioria dos pré-milenistas fora das igrejas adventistas trocaram finalmente a posição historicista pela futurista. Surgido dentre os literalistas e progredindo através da Fraternidade de Plymouth, desenvolveu-se gradualmente um amplo sistema de ensino futurista-pré-tribulacionista-dispensacionalista, disseminado por evangelistas profissionais, conferências proféticas interdenominacionais e escolas bíblicas. Este sistema em grande parte “esvaziou” o termo “pré-milenismo,” embora nem todos os pré-milenistas com isso concordem, e há forte divergência sôbre vários pormenores.

Os pré-tribulacionistas da atualidade, constituindo hoje um grupo influente, mantêm que há dois estágios da segunda vinda, e que, quando Cristo vier *para* os Seus, os santos vigilantes serão primeiro arrebatados secretamente, e assim escaparão à tribulação. Enquanto isso os judeus, tendo voltado a Jerusalém, restaurarão seu sistema de sacrifícios, centralizado num templo reconstruído. O maligno anticristo es-

tabelece então o seu reino, e começa a tribulação de três anos e meio. Isso tudo ocorre dentro de um infausto período de sete anos — a septuagésima semana de Daniel 9. Vem então o segundo aspecto da segunda vinda — a revelação, ou aparecimento, de Cristo, com os Seus santos, para estabelecer o reino milenial, no qual Cristo e os santos reinarão. As nações sobreviventes são agora dominadas pelos judeus convertidos, na Terra parcialmente renovada, na qual a lei entra de novo em vigor, depois de ter estado em suspensão através da idade eclesiástica. As nações intimamente rebeldes, regidas durante os mil anos por uma “vara de ferro,” revoltam-se enfim, e inicia-se o juízo. Então o reino milenial continua no estado eterno.

A par disso veio o desenvolvimento de uma elaborada divisão da Bíblia em secções dispensacionais (com tendências antinomianas), numa doutrina de mútuo exclusivismo entre lei e graça. (Para a consideração da vasta diferença entre o moderno futurismo pré-milenista e o pré-milenismo histórico da igreja primitiva, ver a última parte da pergunta 26.)

Esta forma de pré-milenismo tem ultimamente sofrido a oposição do chamado amilenismo — de certo modo um reavivamento do ponto de vista agostiniano.

X. O Amilenismo Revive o Conceito Agostiniano

1. *Milênio Figurado.* — Para os amilenistas não há mil anos reais, literais, como específico período final da história humana, distinto da era presente. O milênio é simplesmente o período atual, em que agora vivemos, e que se estende do primeiro ao segundo advento de Cristo. Como na teoria agostiniana dos católicos, a “primeira ressurreição” é espiritual — da morte em pecado para a vida espiritual em Cristo. A ressurreição geral de todos os mortos ocorre por ocasião do segundo advento, que introduzirá o mundo eterno. Satanás foi “amarrado” pelo primeiro advento de nosso Senhor, e expellido dos corações individuais de Seus seguidores. Assim começa o seu “reinado” com Ele.

Este "reinado" dos santos, abrange tanto o reinado espiritual dos espíritos do Céu, como o reinado dos santos com Cristo na Terra antes do juízo final. Os "mil" interpretam êles como número simbólico de perfeição — o período completo entre as duas vindas de Cristo. O conceito de estar Satanás agora amarrado, em relação ao mundo, como alguns afirmam, dizem êles ser absurdo, como o atestam as condições do mundo. E a "ressurreição" irá aonde quer que seja pregado o evangelho, continuando até à segunda vinda de Cristo, no final do tempo, para destruir o anticristo, ressuscitar os mortos e estabelecer o reino eterno.

2. *Amilenismo e Pré-milenismo Comparados.* — Como os pré-milenistas, os amilenistas creêm que haverá uma mistura de bem e mal até ao tempo do segundo advento, e não creêm que o mundo se torne cada vez melhor, ou que tãda a sociedade se cristianizará. Antes, quando as hostes de Satanás estiverem a ponto de alcançar a vitória completa, Cristo aparecerá em glória, e os mortos ressurgidos e os santos vivos transfigurados são arrebatados para estarem com seu Salvador.

Mas os amilenistas rejeitam a interpretação literal segundo a qual os judeus se restabelecerão como o povo de Deus e restaurarão o ritual do templo. Tampouco esperam êles uma literal batalha de Gogue e Magogue no fim do milênio. Em outras palavras: as profecias predizem meramente a paz que virá à Terra em resultado do primeiro advento de Cristo como Salvador, e de modo figurado descrevem as bênçãos e glórias do mundo por vir, a exaltada glória dos remidos e a completa destruição de Satanás, que termina em triunfo total para Cristo. Isto é o amilenismo, que hoje tem vasta aceitação. De maneiras várias tem seus adeptos entre os católicos romanos, entre os protestantes liberais, e mesmo dentro das fileiras da teologia reformada conservadora. (Ver João F. Walvoord, "Amillennial Eschatology," *Bibliotheca Sacra*, Jan.-Mar. 1951.)

Assim o pêndulo, no que concerne ao reinado milenial, tem oscilado para um lado e para outro, produzindo um quadro confuso e contraditório. Mas o que constitui um fator inseparável do complicado fundo que serve de base às diferentes posições, é o conceito quiliasta do milenismo, isto é, de um reinado literal na Terra e no tempo, entre a época presente e o estado eterno. Este ponto precisa ser estudado.

XI. O Rastro do Quiliasma Materialista Através dos Séculos

Como se disse, um aspecto preeminente do pré-milenismo da igreja primitiva foi o conceito quiliasta, isto é, que o reinado dos santos seria efetuado *na Terra*. Mas para isso a igreja primitiva desviou-se de Apocalipse 20 — a única

referência bíblica aos mil anos, e que não descreve nem localiza o reinado. A idéia de um reino material, terrestre, derivou-se em parte do uso das profecias do Antigo Testamento do reinado messiânico, que a igreja aplicava a si mesma. Demais, os cristãos judeus estavam impregnados dos escritos apocalípticos judeus, que incorporavam suas aspirações nacionalísticas de um glorioso reino terrestre, escritos que contêm fantásticos relatos de fertilidade, abundância e prosperidade material daquele período. Ao mesmo tempo os conversos gentios do mundo romano, do primeiro século, tinham um conhecimento dos sonhos pagãos então correntes, de uma vindoura idade de ouro. Mesmo a noção apocalíptica dos judeus, de períodos de mil anos correspondentes à semana da criação, era eivada de tradições pagãs (etruscas e persas), de que a raça humana duraria seis mil anos.

Visto como a igreja primitiva se considerava o verdadeiro Israel das promessas, aplicava ela as profecias do reino aos santos, e não aos judeus, embora não visse esperança de um real reinado da igreja, na época romana então presente. Considerando que a igreja foi influenciada pelos conceitos filosóficos correntes, como o do mal inerente à matéria, não podia ela concordar com um reino material nos novos céus e nova Terra do estado eterno. Daí, naturalmente colocou essa idade áurea judaico-cristã-pagã durante o milênio, depois do advento, mas antes da eternidade. As idéias foram superpostas à doutrina escriturística do milênio, e as profecias da Nova Terra foram colocadas em base definitivamente materialista e temporal. Os cristãos perseguidos aspiravam o domínio terrestre de uma igreja triunfante. Mas os estranhos ensinados do crasso materialismo — as alegações de fantástica fertilidade e mesmo carnalidade que se prediziam do reinado dos santos *na Terra* — tornaram-se tão repugnantes a muitos, que o quiliasma passou a ser considerado uma heresia, e por breve período o Apocalipse foi em alguns arraiais considerado não apostólico, e por conseguinte mesmo omitido do Cânon Sagrado.*

Foi assim que, por motivo dos pontos de vista quiliastas sôbre o milênio, foi desacreditada a própria doutrina do milenismo. Semelhantemente foi apressado o abandono do pré-milenismo, por motivo do estado favorável que a igreja alcançou no quarto século, sob Constantino. Como sua influência aumentasse constantemente, os cristãos começaram a aplicar as predições do futuro reino messiânico à então presente igreja cristã. Finalmente a troca do *domínio futuro dos santos na Santa Cidade*, pelo *domínio presente da igreja na Terra*, tornou-se a base do domínio totalitário do catolicismo medieval, com as suas perseguições.

A Reforma teve que resistir a um quiliasma diferente mas igualmente enganoso — um do-

mínio dos santos não só terrestre mas político e revolucionário, instituído a ferro e fogo, antes do advento e da ressurreição. Haja vista os excessos de Tomás Muenster e de alguns anabatistas, dos profetas de Zwickau e dos profetas franceses das Cervenos e, posteriormente, dos homens da Quinta Monarquia, na Inglaterra.

A terrenidade do reinado do milênio foi dada nova direção no pós-milenismo de Whitby, com sua idade áurea eclesiástica. As primitivas igrejas americanas eram fortemente quiliastas, tendo herdado o ideal de igreja pura dos anabatistas, que o passaram aos batistas e aos congregacionalistas. Seu quiliasma suscitou esperanças exuberantes de um programa pós-milenista de regeneração social, a ser realizado nas igrejas. Daí também numerosas tentativas do século dezenove, para instituir na Terra o reino de Deus, não só mediante atividades eclesiásticas revivalistas e pietistas e várias reformas de todos os matizes, mas também mediante instrumentos sócio-políticos e utopias comunais. Na expectativa dos começos do século dezenove, quanto ao início do milênio, esquemas semelhantes multiplicaram-se rapidamente. Também no século dezenove um quiliasma "judaizante," provindo do extremo literalismo do despertamento adventista britânico, preconizou não só a conversão dos judeus mas também a restauração da nação judaica, a reconstrução do templo judeu, e o restabelecimento do sistema sacrificial, assim como do domínio político dos judeus, e o coercivo domínio de "vara de ferro" de Cristo sobre as nações rebeldes.

Nem é a doutrina do quiliasma simples questão acadêmica quanto ao que deve acontecer no futuro, sem sentido prático para nós hoje. Com efeito, são óbvias as implicações políticas desse conceito de um futuro reino judaico, e seus resultados se têm visto nos séculos dezenove e vinte. É evidente hoje uma infeliz confusão entre o reconhecimento do cumprimento histórico da profecia, e a tentativa de servir-se da interpretação profética como instrumento para influir nos programas políticos e internacionais. Proveniente também desse ponto de vista futu-

rista de que os judeus serão os eleitos de Deus, aos quais tôdas as profecias acêrca do reino terão de cumprir-se literalmente, existe um sistema interpretativo sem precedentes, com tendências perigosas. Consiste na ênfase dispensacionalista que ergue de nôvo o muro de separação entre judeus e gentios, o qual Cristo derribou; que separa lei e graça, de modo inteiramente antinomiano; e que desvia da igreja cristã as promessas e as alianças de grande parte da Bíblia, especialmente dos evangelhos, dando aos judeus, em vez dos cristãos, não só o Decálogo, mas também as Beatitudes e a Oração do Senhor. Felizmente, ainda que a maioria dos pré-milenistas das várias igrejas pertençam hoje a esta escola de pensamento, nem todos êles subscrevem todos os seus pontos de vista, nem os leva a suas conclusões lógicas. É de lastimar que alguns autores que abandonaram êsse pré-milenismo futurista tenham tantas vêzes trocado seu quiliasma pelo amilenismo.

Êste exame chama a atenção ao fato de que através dos séculos a expectativa quiliasta de um reino milenial terrestre e literal, com fôrça coerciva sôbre os homens irregenerados, tem dado origem a deturpações doutrinárias, pontos de vista fanáticos, excessos, totalitarismos, perseguições, e mesmo revoluções políticas. Nada disso existe no pré-milenismo baseado nas Escrituras, livre das tradições judaicas e dos conceitos pagãos, como se mostrará na resposta à pergunta 39. — *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine*, págs. 465-488.

* Segundo o bispo B. F. Westcott (*A General Survey of the History of Canon of the New Testament*, 1875, cap. 20), pelos fins do segundo século o Apocalipse foi reconhecido como apostólico e autoritativo, através da igreja, exceto na versão Siriaca. Mas depois de quase geral aceitação por parte dos pais, caiu temporariamente em descrédito por causa da oposição de Dionísio da Alexandria (morto em 289) ao milenismo quiliasta. Cirilo de Jerusalém (morto em 386) e Gregório Nazianzeno (morto em 389), excluíram o Apocalipse de seu catálogo dos livros do Nôvo Testamento, e Crisóstomo (morto em 407) em parte alguma o citou. Foi omitido da lista canônica pelo Concílio de Laodicéia, no quarto século. Mas em 367 Atanásio o incluiu em sua enumeração, e os Concílios de Hipo (393) e de Cartago (397) declararam-no canônico. Logo desapareceram tôdas as dúvidas. (Ver *The Prophetic Faith of Our Fathers*, Vol. 1, 103-107.)